

GT 05 - LETRAMENTOS, ALFABETIZAÇÃO E TECNOLOGIAS - LAT

ESCRITA E REESCRITA DE TEXTO: PROCESSO FORMATIVO DE LEITOR E REVISOR TEXTUAL NO SÉTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Vanderson Lima Silva¹

Silvair Félix dos Santos²

Resumo

Este artigo é fruto de um estudo de caso, abordando o viés metodológico da pesquisa qualitativa, de produção textual, realizado em uma turma do sétimo ano de uma escola municipal localizada no distrito de Interlândia no município de Anápolis – GO. O objetivo desta pesquisa foi pensar a escrita/reescrita como processo formativo capaz de conduzir o aluno a refletir sobre os textos que produz, ou seja, torná-lo leitor e revisor de suas produções textuais. A base teórica utilizada foi Grilo (1995), Neves (1996), Fiad (2009), Camilotto (2014), entre outros. Este texto se divide em duas partes principais, a primeira trata da metodologia utilizada na pesquisa, na segunda é feita a análise contrastiva entre os estudos de escrita/reescrita e o trabalho de produção textual observado na escola pesquisada. Por fim, nas considerações finais, destaca-se que o trabalho da professora converge em muitos pontos com as indicações das pesquisas de produção e de reescrita de texto e se diverge em alguns como, por exemplo, na correção que focaliza aspectos da superfície textual em detrimento dos aspectos discursivos.

Palavras-chave: Escrita/ reescrita. Estudo de caso qualitativo. Produção de Texto.

Introdução

O trabalho de reescrita de texto, de acordo com Fiad (2009) vem sendo gradativamente inserido no contexto das aulas de língua portuguesa, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Segundo a autora, a proposta de reescrita está presente nos documentos orientadores que norteiam os rumos do ensino de língua no Brasil. Todavia, ainda é algo que traz dúvidas aos professores, visto que boa parte deles não sabe como interferir nesse processo.

Assim, neste artigo, pesquisa-se procedimentos apontados por estudos de produção textual, mais especificamente sobre o processo de produção e de reescrita e os contrasta com aulas

¹ UEG – LEE - ls.vanderson@gmail.com

² UEG - silvair@ueg.br

observadas em uma turma do ensino fundamental da Escola Municipal Inácio Sardinha Lisboa do Distrito de Interlândia no município de Anápolis GO.

As perguntas que se busca responder por meio dessa pesquisa são: Como a professora da escola pesquisada trabalha a produção de texto? Como ela trabalha a correção de texto? As propostas consideram o desenvolvimento do aluno em sua formação como sujeito autor? Como a professora poderia trabalhar a reescrita de texto a fim de melhorar as habilidades da linguagem escrita de seus alunos?

A busca por maneiras para desenvolver o processo de produção escrita, no âmbito escolar, é algo que faz parte do cotidiano dos professores de língua materna. Nesse sentido, objetiva-se, por meio desta pesquisa, pensar a escrita/reescrita como processo formativo capaz de conduzir o aluno a refletir sobre os textos que produz, ou seja, torná-lo leitor e revisor de suas produções textuais.

1 Aspectos metodológicos

As características deste estudo o classificam como qualitativo, pois, segundo Neves (1996) a pesquisa qualitativa costuma ser direcionada, ao longo de seu desenvolvimento e seu foco de interesse é amplo. Sendo assim, ela consiste na obtenção de dados descritivos mediante contato direto do pesquisador com o objeto de estudo. Segundo o autor,

a pesquisa qualitativa surgiu inicialmente no selo da Antropologia e da Sociologia, nos últimos 30 anos esse tipo de pesquisa ganhou espaço em áreas como a Psicologia, a Educação e a Administração de empresas [...] esse tipo de pesquisa tem por objetivo traduzir e expressar os sentidos dos fenômenos do mundo social: trata-se de reduzir a distância entre o indicador e o indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação. (NEVES, p. 1)

Ainda segundo Neves (1996) na esteira de Godoy (1995), existem três tipos de pesquisa qualitativa: a pesquisa documental, a etnográfica e o estudo de caso. Desse modo, por esta pesquisa buscar descrever aulas de produção de texto em uma turma de um determinado ano, em uma determinada escola, ela se classifica como um estudo de caso, tendo em vista que, se esta mesma pesquisa fosse realizada em outra escola com outros sujeitos, os resultados provavelmente seriam outros.

Por sua vez, nesta pesquisa, foram comparados os apontamentos feitos por estudos que tratam sobre reescrita, com a maneira como a professora da escola campo trabalha em suas aulas. Buscou-se, dessa forma, relacionar a teoria presente nos textos com a prática encontrada nas aulas de produção escrita.

Para tanto, foram observadas aulas de produção de texto durante um mês. Nesse período houve dois ciclos de produção escrita. Entende-se, no âmbito desta pesquisa, como ciclo de produção o processo que se inicia com a apresentação das características do gênero textual e se estende até a versão final do texto do aluno.

Contudo, este texto se limitará a analisar os dados, de dois alunos, coletados no segundo ciclo, visto que para as análises serem feitas com todos os dados seria necessário mais espaço do que o disponível para esse artigo.

1.1 A escola e os sujeitos

Esta pesquisa foi realizada na Escola Municipal Inácio Sardinha de Lisboa, situada na Avenida Bernardo Sayão s/n, no distrito de Interlândia, município de Anápolis GO. A escola foi fundada em 31 de março de 1978, para atender aos alunos que residem em fazendas nas proximidades do distrito. Ela foi construída com o esforço do então Deputado Federal Jamel Cecílio e do Fazendeiro Inácio Sardinha de Lisboa, de quem se originou o nome da escola.

Essa unidade escolar recebe sujeitos desde a Educação Infantil, a partir de quatro anos de idade, até o 9º ano do Ensino Fundamental. Ela possui aproximadamente 520 alunos matriculados, sendo 290 no período matutino e 230 no vespertino. Esses alunos são oriundos de diferentes classes sociais, ou seja, são diversificados do ponto de vista socioeconômico.

A seguir, será feita a análise dos dados coletados durante a observação realizada na escola campo.

2Análise dos Dados

A primeira aula, do segundo ciclo, ocorreu no dia dezoito do mês de maio do ano de dois mil e dezessete. Nesse dia, a aula foi sobre o gênero literário cordel. Primeiramente, a professora distribuiu cópias de um material com as principais características do gênero e com alguns exemplares. Em seguida, ela falou sobre as características formais e discursivas e fez a leitura do material com os alunos.

Um cordel, do material impresso, trata sobre a questão do uso consciente da água. A professora apenas mencionou a questão. Ela poderia ter abordado com mais profundidade os aspectos discursivos do cordel. Nesse sentido, concorda-se com Camilotto (2014), pois ela assevera que a fixação em elementos da superfície do texto desvia o foco do professor daquilo que deve

realmente ser priorizado, ou seja, a coesão, a informatividade, a coerência, a ‘transparência’ e os recursos linguísticos que o sujeito utiliza para persuadir o seu interlocutor.

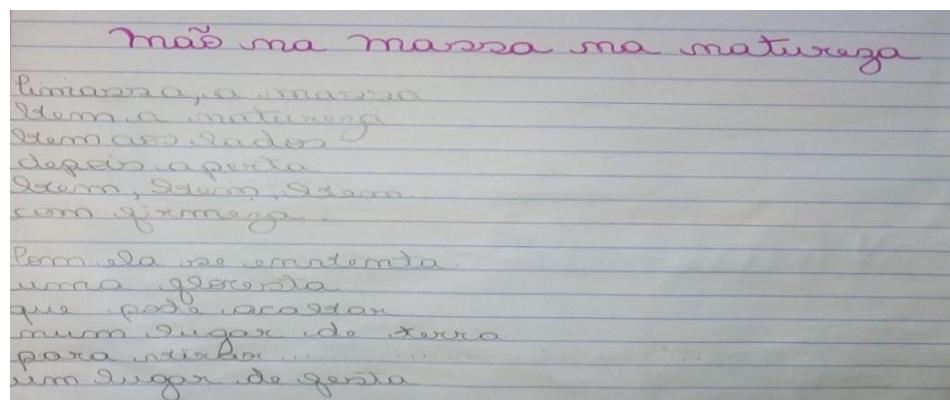
A professora tinha planejado exibir três vídeos sobre o gênero trabalhado, porém devido a problemas relacionados à tecnologia (internet lenta) a exibição ficou para a aula seguinte. Após o término da leitura e a discussão dos cordéis, a professora pediu para os alunos escreverem um cordel com tema livre. Todavia, a aula terminou antes dos alunos finalizarem a produção e a professora pediu para eles terminarem o texto em casa.

A segunda aula observada, no segundo ciclo, ocorreu no dia vinte e quatro do mês de maio do ano de dois mil e dezessete. A aula desse dia teve início com a exibição dos três vídeos. O primeiro vídeo é um tipo de animação do gênero cordel, nele a professora destacou o tipo de gravura utilizada. O segundo vídeo exibido foi o cordel cantado “A moça que dançou depois de morta”. Por fim, ela exibiu um vídeo que trata das características desse gênero.

Após a exibição dos vídeos mencionados, a professora pediu para os alunos formarem duplas. Em seguida, ela falou para eles trocarem os cadernos de produção textual, com o cordel produzido na aula anterior, para que um corrigisse o texto do outro. Ela pediu para eles anotarem, em uma folha separada, os “erros” que eles encontrassem nos textos dos colegas e depois entregassem a folha para o dono do texto.

A seguir serão apresentados os textos do segundo ciclo de produção de um aluno. Inicialmente a primeira versão, em seguida as sugestões do colega e, por fim, a versão final.

Produção do A₁, primeira versão.

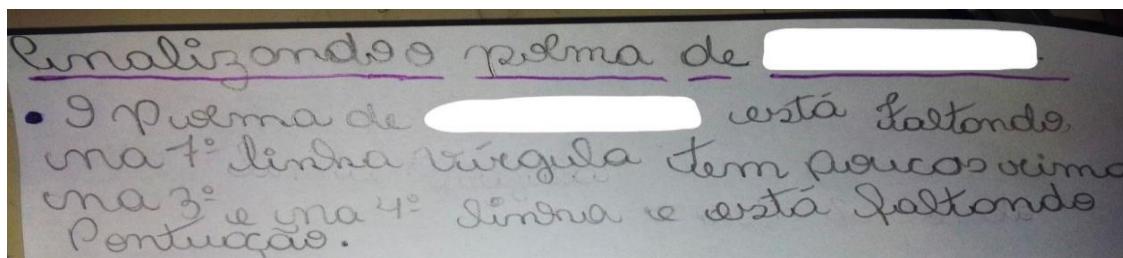


No que tange às sugestões, a professora elencou alguns aspectos que deveriam ser observados. Em primeiro lugar, ela pediu para observarem se entenderam o texto, isto é, se estava

coeso e coerente. Em seguida, se houve rimas (adequação ao gênero) e se estava com pontuação e acentuação adequada. Por fim, ela enfatizou a necessidade de respeito ao texto do colega, no sentido de não exagerar na crítica.

A proposta, da professora, de correção dos textos em dupla é relevante, pois ao proporem melhorias nos textos dos colegas, eles desenvolvem suas habilidades de revisores. Além disso, a professora tem a possibilidade de verificar o que eles entendem sobre correção, o que eles dominam em relação à escrita e como poderão se desempenhar melhor nas próximas produções. A seguir serão apresentadas as sugestões do A₂.

Sugestões para o texto do A₁



325

Como se vê nos apontamento acima, não houve nenhum comentário relacionado à coesão ou coerência. Esse fato pode ocorrer por dois motivos: ou o aluno que fez a correção acredita que o texto está coeso e coerente e com sentido inteligível ou ele ainda não domina minimamente os aspectos de coesão e coerência.

Diante das sugestões feitas pelo A₂ em relação ao texto do colega, constata-se que, mesmo que a professora tenha solicitado para eles observarem se entenderam o texto, o aluno priorizou aspectos de acentuação e de pontuação. Houve apenas uma sugestão relacionada à adequação ao gênero “têm poucas rimas”.

Esse fato reflete a percepção que os alunos têm da correção que é feita em seus textos durante o processo de aquisição da escrita. Nesse sentido, Camilotto (2014) menciona serem comuns correções equivocadas que valorizam demasiadamente a ‘higienização’ textual, enfatizando ‘erros’ ortográficos, de concordância, composição de parágrafos, dentre outros elementos que fazem parte da estrutura superficial dos textos em detrimento do conteúdo linguístico presente nas produções.

No que se refere ao trabalho de correção da professora, não foi observado nenhum tipo de intervenção ou apontamento. Nesse sentido, Essa pesquisa corrobora com a autora Sheila Grilo (1995, p. 22) ao afirmar que

[...] a interferência do professor, através de comentários orais ou escritos, permite ao autor do texto [aluno] compreender o caráter social da escrita, moldando seu texto em função de um leitor real, e fazer uso de estruturas próprias da linguagem escrita.

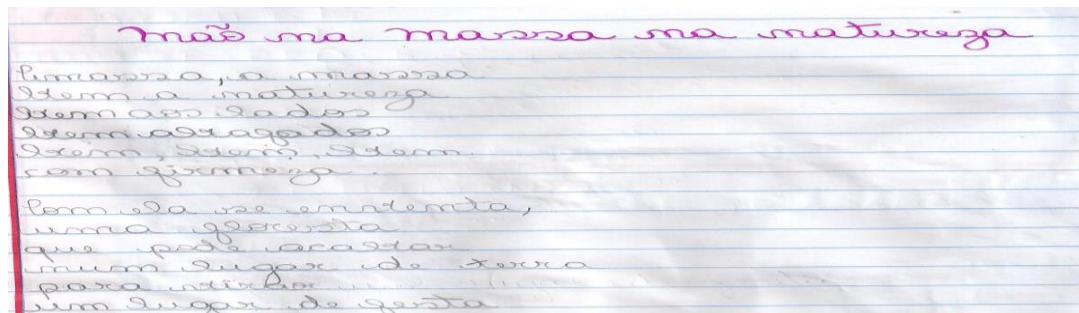
Logo, verifica-se que a professora menciona os aspectos de coesão e coerência textual, mas não consegue ser eficiente, visto que as sugestões propostas pelo aluno têm como foco a ortografia e a acentuação. Assim, infere-se que ela precisa trabalhar melhor a coesão e a coerência em suas aulas. Isso pode ser feito através da reescrita de texto como defende Camilotto (2014, p. 225)

é relevante que os professores trabalhem atividades de reescrita textual, a fim de que estas auxiliem o aluno a “modificar” seu texto, mas de forma reflexiva, crítica, atentando para o uso adequado dos operadores discursivos que existem em nossa língua e que devem ser empregados de acordo com suas funções semânticas e sintáticas. Deste modo, acredita-se que uma correção que ultrapasse a simples ‘higienização’ textual auxilie o aluno nesse processo.

A seguir serão apresentadas a versão final do texto do A₁, ou seja, o texto após as sugestões do colega.

Versão final da produção do A₁

326



Como se vê, a professora não fez nenhuma interferência (correção) direta no texto do aluno. Isso poderia ser explicado se ela almejasse, nessa etapa, apenas verificar o que eles entendem como correção. Contudo, ela não fez nenhum apontamento nesse sentido. Assim, a opção da professora por não interferir nas correções dos alunos se torna inexplicável. Nesse sentido, esta pesquisa corrobora com os PCNs (1998 p.93-94) ao defender ser

necessário, que o aluno seja informado de maneira qualitativamente diferente das já usuais sobre o que precisa aprender, o que precisa saber fazer melhor. Assim, as anotações, correções e comentários do professor sobre as produções do aluno devem oferecer indicações claras para que este possa efetivamente melhorar. Além disso, para a constituição da autonomia do aluno, coloca-se a necessidade de construção de instrumentos de autoavaliação que lhe possibilitem a tomada de consciência sobre o

que sabe, o que deve aprender, o que precisa saber fazer melhor e que favoreçam maior controle da atividade, a partir da autoanálise de seu desempenho.

Diante do exposto, é preciso ressaltar a necessidade de a professora levar o aluno a refletir sobre sua produção textual, partindo do conhecimento que ele possui e interferindo, por meio da reescrita de texto, em suas produções, a fim de desenvolver a autoria nesse sujeito, melhorando assim o seu desempenho, na modalidade escrita da língua.

Assim, defende-se, no âmbito dessa pesquisa, que a professora deveria ter se atentado ao fato de que os alunos só fizeram correções relativas à ortografia e pontuação. Logo, ela deveria mostrar, nas produções realizadas por eles, que as ideias do texto e os argumentos utilizados são mais importantes que os problemas ortográficos e de pontuação. Esse apontamento vai, em certa medida, de encontro ao proposto por Camilotto (2014), pois segundo essa autora ao corrigir os textos, dos alunos, o professor precisa enfatizar os recursos expressivos e as estratégias linguísticas que eles utilizam. Nessa perspectiva, ela indica uma correção que proporcione autonomia ao aluno para analisar o próprio discurso.

No mesmo sentido, Conceição (2004) pondera que a prática da correção deve levar o aluno a refletir sobre seu dizer e os possíveis efeitos de sentido que produzirá no interlocutor. Portanto, é preciso que a professora mostre aos alunos como tornar seus textos mais coesos e, consequentemente mais coerentes, com o objetivo de melhorar gradativamente o desempenho de seus alunos em suas produções escritas.

Considerações Finais

Por meio desta pesquisa foi possível ratificar que o domínio da escrita, além de ser o conhecimento escolar inicial mais importante a ser adquirido, também é pré-requisito para a aprendizagem de outros conhecimentos, visto que, é através dela que o sujeito participa das interações e das práticas discursivas que constituem o mundo e o próprio sujeito.

Por sua vez, o ensino de língua no Brasil, de acordo com os documentos que o norteiam, deve ocorrer por meio da concepção sociointeracionista de linguagem e as propostas de produção escrita devem ser contextualizadas, cabendo ao professor a função de mediar esse processo. Nesse contexto, a reescrita aparece como uma possibilidade para obter melhorias, além de permitir ao professor acompanhar o desenvolvimento do aluno rumo a uma produção textual cada vez melhor.

Assim, torna-se imprescindível o entendimento, por parte do aluno, de que a escrita não é um dom inato, mas sim um processo, além disso, é preciso que esse sujeito se torne leitor de seus textos

para que possa desenvolver as habilidades de revisor. Nessa perspectiva, é necessário que o professor tenha conhecimentos sobre o modo de intervir nesse processo.

Nesse sentido, a busca de maneiras para melhorar o desempenho dos alunos, na produção escrita, torna-se parte do cotidiano dos professores de língua materna. Portanto, objetivou-se, por meio desta pesquisa, colaborar com o trabalho desses profissionais, visto que a reescrita de texto vem se mostrando como um meio eficaz para se trabalhar a produção textual.

Destarte, a meta desse estudo foi refletir sobre as pesquisas da área de produção de texto e relacioná-las com as aulas da escola campo. Logo, não houve a intenção de desvalorizar o trabalho da professora, pelo contrário, suas aulas serviram de subsídio para refletir sobre possíveis melhorias no desempenho da escrita, no contexto de aulas de Língua Portuguesa, em especial a *escrita e reescrita de texto: processo formativo de leitor e revisor textual no sétimo ano do ensino fundamental*. Nessa perspectiva, foi possível averiguar que o trabalho da professora converge em muitas situações com os apontamentos das pesquisas da área de produção e reescrita de texto e se diverge em alguns.

Desse modo, finaliza-se este trabalho com a reflexão de Camilotto (2014, p. 244) ao afirmar que “não existe uma receita pronta para transformar alguém em um sujeito-autor, mas acredita-se que é reconstruindo o que o aluno escreve, dando-lhe a oportunidade de refletir sobre o seu dizer, sobre suas escolhas linguísticas, que o professor conseguirá avançar nesse sentido”.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAMIOTTO, Carla Avena. A correção textual no contexto escolar sob uma perspectiva dialógica. **VÉRTICES**, Campos dos Goytacazes, RJ, v. 16, n. 2, p. 221-246, maio/ago. 2014.
- CONCEIÇÃO, Rute Izabel Simões. Correção de texto: um desafio para o professor de português. Dourados, MS, (UFMS), Jul./Dez. 2004. p.323-344.
- FIAD, Raquel Salek. Reescrita de textos: uma prática social e escolar. **Organon**, Porto Alegre, RS, n. 46, p. 147-159, jan/jun. 2009.
- GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. **Escrever se aprende reescrevendo:** Um estudo da interação professor/ aluno na revisão de textos. Campinas, SP, UNICAMP, 1995.